



GUERRA NA UCRÂNIA

Drones destroem 41 aviões russos

Em operação militar que teria sido planejada há 18 meses, com a participação de Volodymyr Zelensky, 117 veículos não tripulados causaram prejuízos estimados em US\$ 7 bilhões para Moscou. Hoje, os dois países retomam negociações de cessar-fogo

Às vésperas da nova rodada de negociações para um cessar-fogo, um ataque de longo alcance ucraniano contra bases aéreas na Rússia, incluindo alvos na Sibéria, elevou drasticamente a tensão entre os dois países. Segundo o Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU), 41 aviões militares russos foram destruídos na chamada Operação Teia de Aranha. Moscou, por sua vez, continuou a ofensiva à Ucrânia por ar e por terra.

A ação de Kiev, a maior com uso de drones desde o início da guerra, teria sido planejada por mais de um ano e supervisionada pessoalmente pelo presidente Volodymyr Zelensky. "Foi a operação de maior alcance já realizada em território russo", declarou Zelensky em pronunciamento, no qual parabenizou os agentes envolvidos. Segundo ele, 117 drones com tecnologia de visão em primeira pessoa foram usados no ataque, que teria causado prejuízos estimados em US\$ 7 bilhões (cerca de R\$ 40 bilhões). Entre os aviões destruídos, estão os bombardeiros estratégicos Tu-85 e Tu-22, usados pela Rússia para lançar mísseis em cidades ucranianas.

As aeronaves estavam estacionadas na base aérea de Belaya, na região russa de Irkutsk, mais de 4 mil quilômetros da fronteira com a Ucrânia. Vídeos compartilhados nas redes sociais mostram caças russos em chamas, e o governador da região, Igor Kobzev, confirmou o ataque. Outras estações militares foram atingidas, como Olenya, em Murmansk, perto da Finlândia, e nas regiões de Ivanovo e Diaguilevo, a leste de Moscou.

Escondidos

Autoridades ucranianas informaram à imprensa que a operação estava em preparação há mais de 18 meses. Os drones foram inicialmente contrabandeados para a Rússia e, depois, escondidos sob o teto de pequenos contêineres de madeira, carregados em caminhões e levados até o perímetro das bases aéreas. Os painéis do teto dos galpões fo-

Ukrainian Presidential Press Service/AFP



O líder ucraniano (E) parabeniza o chefe do Serviço de Segurança, Vasyl Malyuk, pela missão



O planejamento, a organização e todos os detalhes foram perfeitamente preparados. Posso afirmar, com certeza, que essa é uma operação completamente única"

Volodymyr Zelensky,
presidente ucraniano

ram levantados por um mecanismo acionado remotamente, permitindo que os veículos decolassem e iniciassem o ataque.

"No total, 117 drones foram utilizados na operação. E um número correspondente de operadores de drones estava trabalha-

do", disse Zelensky no pronunciamento. "Trinta e quatro por cento dos porta-mísseis de cruzeiro estratégicos nos aeródromos foram atingidos. Nosso pessoal estava operando em diferentes regiões russas, em três fusos horários. E nosso pessoal foi retirado do território russo na véspera da operação, e agora todos estão seguros", comemorou. "O planejamento, a organização e todos os detalhes foram perfeitamente preparados. Posso afirmar, com certeza, que essa é uma operação completamente única."

Mísseis

O ataque ucraniano foi antecedido pelo lançamento de 472 drones e sete mísseis por Moscou em cidades do país vizinho em menos de 48 horas. A ofensiva é considerada a maior registrada desde o início da invasão, em fevereiro de 2022. Pelo menos 12 soldados da Ucrânia morreram em um bombardeio contra um

campo de treinamento militar, o que levou à renúncia do comandante das forças terrestres, general Mikhail Drapati.

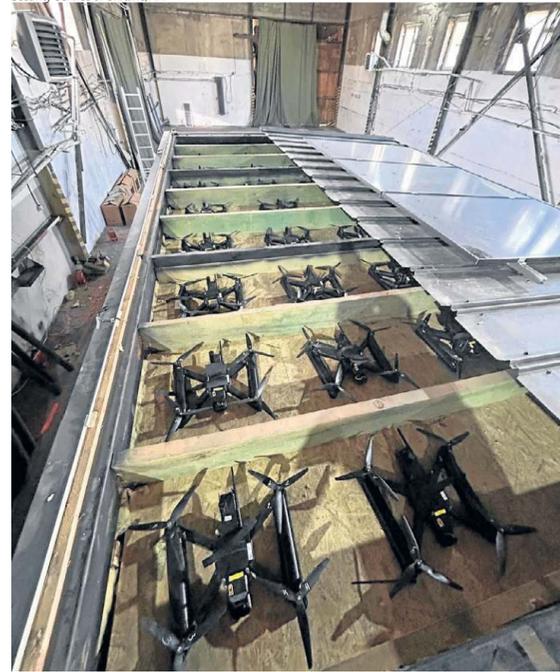
Em solo, a Rússia declarou avanços no nordeste da Ucrânia, especialmente na região de Sumy, onde tomou o controle da vila de Oleksiivka. Estima-se que um quinto do território ucraniano esteja atualmente sob controle russo — somente 450 km² foram conquistados apenas em maio.

Ontem, autoridades russas informaram o colapso de duas pontes em regiões fronteiriças com a Ucrânia, sem responsabilizar diretamente Kiev. Sete pessoas morreram nas explosões, que foram tratadas como "atos de terrorismo".

Delegação

Em meio à intensificação dos combates, representantes da Ucrânia e da Rússia devem se encontrar hoje em Istambul, na Turquia, para uma nova rodada

Security Service of Ukraine/AFP



Registro dos equipamentos que teriam sido usados por Kiev na ação

de negociações de paz. O encontro foi confirmado pelo presidente ucraniano, que indicou o ministro da Defesa, Rustem Umerov, como líder da delegação. A equipe russa já teria viajado para o país anfitrião, segundo a agência estatal Tass.

Segundo a Tass, o chefe da diplomacia russa, Serguei Lavrov, conversou por telefone, ontem, com o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, para discutir o novo ciclo de negociações com a Ucrânia. Citado pela agência, o Ministério das Relações Exteriores da Rússia afirmou que Lavrov e Rubio "trocam seus pontos de vista sobre diversas iniciativas encaminhadas para uma solução política para a crise ucraniana".

A última rodada de negociações, no mês passado, resultou na maior troca de prisioneiros da guerra até então, sem avanços sobre um cessar-fogo. Agora, Kiev pretende apresentar um documento com propostas para

um acordo duradouro, incluindo cessar-fogo completo e incondicional, retorno de soldados detidos e crianças deportadas, recusa em reconhecer a soberania russa nos territórios ocupados e reparações de guerra.

Termos

A Rússia, por sua vez, informou que só apresentará seus termos durante a reunião e se recusa a antecipá-los. Anteriormente, o presidente Vladimir Putin já exigiu que a Ucrânia renunciasse à entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e retirasse suas tropas das áreas ocupadas por Moscou.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem pressionado os dois países por um acordo e sinalizou que poderá rever o apoio à Ucrânia caso não haja avanços. Segundo o conselheiro de segurança Keith Kellogg, ambas as partes deverão apresentar seus documentos oficiais na reunião.

VIOLÊNCIA EM GAZA

Tiroteio em centro de distribuição de ajuda

A Defesa Civil palestina reportou, ontem, a morte de 31 pessoas, na Faixa de Gaza, durante um tiroteio nas proximidades de um ponto de distribuição de alimentos de uma organização apoiada pelos Estados Unidos, em Rafah, no sul do enclave. Os disparos foram atribuídos a israelenses, mas tanto a Fundação Humanitária de Gaza (GHE, na sigla em inglês) quanto o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu desmentiram a ocorrência do incidente.

O porta-voz da Defesa Civil de Gaza, Mahmud Bassal, disse à agência de notícias France Presse (AFP) que, além dos mortos, "mais de 176 ficaram feridas" depois que as tropas israelenses abriram fogo contra "as milhares" que estavam no

local para receber ajuda.

"Havia muitas pessoas, estava um caos, houve gritos e empurrões (...) o Exército estava atirando (...) o Exército estava atirando (...) o Exército estava atirando", disse Abdallah Barbakh, de 58 anos, que estava no GHE, uma organização apoiada por Israel e pelos Estados Unidos. Imagens da AFP mostram moradores colocando vários cadáveres em uma carroça.

Uma multidão de homens, alguns carregando pacotes, também foi vista retornando do centro de distribuição em meio a uma paisagem devastada. Uma pessoa teria sido morta e várias ficaram feridas por disparos israelenses perto de outro local de distribuição de alimentos no centro de Gaza.

O Exército israelense descartou que suas tropas tenham disparado

AFP



Palestinos empurram carroça com mortos: Israel nega disparos

contra civis perto do centro de distribuição, após ter realizado uma investigação preliminar.

Sameh Hamuda, um deslocado de 33 anos do norte de Gaza, disse à AFP que andou mais de 25 quilômetros para chegar ao centro de distribuição em Rafah, ainda de madrugada. "De repente, drones quadricópteros abri-

ram fogo contra as pessoas, e os tanques começaram a disparar intensamente. Várias pessoas foram mortas bem na minha frente", contou. "Eu corri e sobrevivi. A morte te persegue enquanto você ainda estiver em Gaza", acrescentou.

Victoria Rose, uma cirurgiã britânica que está trabalhando

» Greta Thunberg em missão humanitária

A ativista ambiental sueca Greta Thunberg juntou-se a uma missão da Frota da Liberdade para levar ajuda humanitária à Faixa de Gaza. O veleiro Madleen partiu, ontem, do porto de Catânia, na Sicília, levando um grupo de 10 pessoas e suprimentos, como sucos, leite, arroz, conservas, barras de proteína oferecidos por centenas de cidadãos de Catânia", segundo a jornalista Andrea Legni, que embarcou na viagem. Fundada em 2010, a Frota da Liberdade é um movimento internacional não violento de solidariedade aos palestinos, com uma dimensão humanitária e de reação política contra o bloqueio de Gaza.

no Hospital Nasser, para onde alguns dos feridos foram transferidos, disse que viu uma "carnificina". "Todos os leitos estão ocupados e todos têm ferimentos por balas", assinalou.

Armadilha

O chefe da agência da ONU para os Refugiados Palestinos (UNRWA), Philippe Lazzarini, destacou, ontem, que "a distribuição de ajuda se tornou uma armadilha mortal" em Gaza. Na sexta-feira, o Escritório da ONU para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) considerou

que 100% da população de Gaza está em risco de "fome extrema".

Por mais de dois meses, Israel impediu a entrada de ajuda humanitária. Iniciado em março, o bloqueio começou a ser flexibilizado na semana passada. Foi, então, estabelecida uma estrutura de distribuição de ajuda alimentar operada pela GHE, ignorando o sistema liderado pelas Nações Unidas.

As organizações humanitárias internacionais se recusam a participar das operações organizadas pela fundação, que usa contratados de segurança americanos para entregar a ajuda.